

ALEXANDRA CHAVES

A INCLUSÃO ESCOLAR AOS QUATRO OLHARES

O presente artigo foi desenvolvido a partir de pesquisa realizada nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental na cidade de São Marcos-RS.

SÃO MARCOS-RS

2019

A INCLUSÃO ESCOLAR AOS QUATRO OLHARES

Autora: Alexandra Chaves¹

Resumo: Este artigo traz uma reflexão sobre as diferentes percepções da inclusão escolar no ensino regular. Esta obra foi escrita a partir de uma pesquisa feita com as famílias, os monitores, os professores e as coordenadoras pedagógicas de cinco escolas de ensino fundamental no município de São Marcos, Rio Grande do sul. Diante da pesquisa realizada percebemos que existem diferentes formas de perceber a inclusão, essa forma de olhar aponta caminhos e opiniões diferentes em relação ao tema inclusão. Com esse trabalho notou-se nos grupos pesquisados que apesar de muitas opiniões divergentes, a maioria das pessoas entrevistadas percebe a inclusão como algo positivo e reconhecem o atendimento educacional especializado como instrumento importante e que dá suporte para quem trabalha nas instituições educacionais. Notou-se até mesmo um sentimento de “quero mais”, ou seja, desejam mais horários de atendimento no Atendimento Educacional Especializado, essa vontade foi expressa por um ou mais integrantes dos entrevistados e em todos os grupos pesquisados. Diante disso percebeu-se a potencialidade do atendimento Educacional Especializado, dentro das instituições.

Palavras-chave: Atendimento educacional especializado. Inclusão escolar.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada em cinco escolas do município de São Marcos, Rio Grande do Sul, que possui na rede de ensino desde a Educação Infantil ao 9º ano do ensino fundamental. A escolha pelas escolas foi

¹ Pedagoga, especialista em atendimento educacional especializado: Inclusão. Mestranda em Educação na Universidade de Caxias do Sul (UCS) como aluna não regular. Pós-graduanda em Psicopedagogia Institucional e Clínica no Instituto Souza e Neuropsicopedagogia na Faculdade Venda Nova Imigrante.

devido a todas de ensino fundamental possuir matriculados no ensino regular, alunos com diferentes tipos de deficiência.

Em todas as escolas pesquisadas possuem um profissional monitor, em algumas mais que um, depende de quantos alunos necessitam desse acompanhamento, este profissional fica à disposição dos alunos com deficiência. Nessas escolas esse acompanhamento é exclusivo para alunos que possuem alguma limitação para higiene, alimentação ou locomoção, entretanto esses profissionais também auxiliam os alunos dentro da sala no seu processo de aprendizagem.

Apesar da ser assegurada na constituição, desde 2015 que a Lei Nº 13.146 que trata da Inclusão da Pessoa com Deficiência, podemos classificar a inclusão ainda como algo complexo na sociedade atual. Percebemos isso quando olhamos a nossa volta e constatamos que até mesmo a acessibilidade arquitetônica ainda deixa muito a desejar, por isso nota-se que muitos lugares assim como muitas pessoas ainda não estão “preparados” para a inclusão de forma ampla e verdadeira.

Diante do que está previsto na constituição partimos do pressuposto que também é necessário querer incluir, esse movimento precisa partir da instituição e também dos profissionais que nela atuam.

1. A NECESSIDADE DE QUERER INCLUIR

Segundo o dicionário Aurélio de modo rápido, inclusão significa ato ou efeito de incluir, entretanto sabemos que inclusão engloba muito mais do que simplesmente incluir.

Em relação à inclusão, a sociedade caminha a passos lentos, entretanto nas escolas a inclusão acontece de forma mais efetiva, isso é visível quando tem-se um olhar mais atento a este espaço, apesar da inclusão ter um caminho longo a ser trilhado. Imagina-se em um futuro não tão distante possamos afirmar em alto e bom tom que temos uma sociedade realmente inclusiva.

O caminho da inclusão perpassa pela instituição escolar, espaço importantíssimo na vida de qualquer pessoa, e mais ainda na vida da criança, ou adolescente com deficiência.

É na escola que “plantamos ou podemos” a semente da inclusão, por isso é tão importante que a inclusão seja algo positivo para todos que convivem com essa realidade. Não basta plantar a semente da inclusão, é importante regar, acompanhar e “aparar” quando necessário. Para incluir é preciso enfrentar as diferenças, sair da zona de conforto, fazer com a pessoa que está sendo incluída se sinta parte integrante e atuante do meio em que se encontra, por isso neste contexto é fundamental que exista um “movimento” de ambas as partes, um movimento de querer incluir e de querer ser incluído, este sentimento não se “descola” da atitude que precisa existir para que a inclusão seja efetiva e saudável.

Segundo Perrenoud (2001):

“Para enfrentar as dificuldades de uma criança, muitas vezes é preciso sair dos caminhos conhecidos, distanciar-se do programa e da didática, para reconstruir suas noções básicas, incutir-lhe confiança, reconciliá-la com a escola. Às vezes, diferenciar é assumir riscos, afastar-se da norma, sem nenhuma certeza de ter razão e de chegar a resultados visíveis”. (p. 44)

Quando Perrenoud fala em sair dos caminhos conhecidos, entendemos que o professor deve libertar-se das amarras contidas em um currículo que muitas vezes não contempla nem as crianças que não possuem deficiência, muito menos as que possuem alguma dificuldade de aprendizagem, seja ela devido a algum transtorno, síndrome ou deficiência.

Segundo Peresson (2006) “A didática, se deseja ser transformadora, precisa assumir-se como um saber que assume a sua dimensão projetiva” ou seja, revisitar as práticas pedagógicas e com isso assumir e apontar as falhas, pois desta forma o ser humano enriquece e aprimora o seu conhecimento, ampliando as possibilidades de funcionamento.

Assim como Peresson defende uma didática transformadora, Piaget também traz a ideia de uma educação transformadora, capaz de criar, inventar e criticar se necessário.

“a principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que

estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe” (Piaget, 1982, p.246).

Sabe-se que não existe receita pronta, a vida é um caminho de escolhas, e quando se trabalha com inclusão, percebe-se que neste caminho existem muitas “lacunas” que nem sempre estão bem delineadas. Todo o ser humano de uma forma geral em algum momento de sua vida já enfrentou ou vai enfrentar dificuldades. A pessoa com deficiência além das dificuldades de rotina, ainda precisa encarar a rejeição que muitas vezes aparecem em vários ambientes, diante disso é importante que a pessoa esteja preparada para enfrentar a vida também nas adversidades que aparecem ao longo da vida. O espaço da escola na maioria das vezes é a oportunidade da pessoa se libertar para viver e conviver em sociedade da melhor forma possível.

Segundo Bueno (2001):

“...a escola como espaço de convivência social, se torna um centro de referência pessoal que marca os sujeitos que por ali passam, pelo simples fato de estar nessa e não em qualquer outra, fruto de traços que a identificam, a tornam única: as oportunidades de convívio, as atividades das quais participam, as formas pelas quais “vivem” o cotidiano escolar”. (p.06)

Concordamos com os pensadores que é fundamental possibilitar o aprendizado e a convivência social de todas as crianças, jovens e os adolescentes, sem deixar ninguém de fora dessa socialização.

Diante disso percebemos a importância de saber como as pessoas que estão vivenciando essa realidade pensam sobre esse contexto, para isso realizamos a presente pesquisa que busca ver os quatro olhares da inclusão dentro da escola.

2. A PESQUISA REALIZADA

A realização desta pesquisa surgiu devido à necessidade de saber como os pais, monitores, professores e coordenação percebem a inclusão e o Atendimento Educacional Especializado (AEE), dentro da instituição escola. Por isso neste artigo iremos nos ater a inclusão escolar da criança com deficiência na rede regular de ensino. Os critérios utilizados foram alunos matriculados no ensino fundamental das

escolas municipais do município de São Marcos que possuem CID (código internacional de doenças), ou WISC (Escala Wechsler de Inteligência para crianças).

Para realização deste trabalho, foram enviados questionários para as famílias dos alunos de inclusão, também para os professores titulares das turmas que possuem alunos de inclusão, para a coordenação e ou direção das escolas e outro questionário para os monitores que trabalham diretamente com crianças inclusas. É importante sabermos que os questionários são diferentes devido à problemática das perguntas serem específicas para cada público, possuindo somente algumas questões iguais. Através do mesmo propomos um momento de pensar sobre o papel da família, do monitor, do professor e da coordenação, refletindo o quanto estamos influenciando positiva ou negativamente na vida e no aprendizado desses estudantes. Para isso analisaremos um breve resumo dos resultados da pesquisa, que traz dados curiosos e que valem a pena serem observados.

Em relação aos questionários das famílias, notou-se que 85% das famílias são a favor da inclusão, outros 15% dizem que nem sempre a inclusão é positiva. 77% das famílias responderam que seus filhos estão realmente inclusos na escola em que estudam. Já 80% das famílias dizem que seus filhos retornam da escola com sentimento positivo (calmos ou empolgados). 15% dizem que seus filhos retornam agressivos e 5% tristes. Em relação às avaliações que os filhos realizam na escola, 71% aprovam as avaliações, as mesmas são consideradas boas ou ótimas, já 29% assinalaram que depende da avaliação. Outro dado importante é que 99% das famílias pesquisadas disseram que seus filhos frequentam o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e 100% consideram importante o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Das famílias pesquisadas 100% dizem que seus filhos estão realmente inclusos nas escolas em que estudam, além disso, nota-se um sentimento de alegria e gratidão em relação à escola percebe-se isso, pois muitas famílias expressaram este sentimento por escrito nos próprios questionários.

Em relação aos questionários dos professores, notou-se que as idades vão desde os vinte oito, até os cinquenta e dois anos de idade. A maioria dos professores entrevistados possuem licenciatura e alguns com pós-graduação. Destes, 80% acham positivo ter um monitor dentro da sala para auxiliar os alunos com deficiência, e outros 18% acham negativo ter um monitor dentro da sala de aula regular, 2% acham que às vezes é positivo, outras vezes nem tanto ter um monitor

na sala. 54% dos professores se acham preparados para trabalhar com a inclusão, os outros 46% acham que não estão preparados para trabalhar com inclusão. Em relação ao Atendimento Educacional Especializado, 100% dos educadores acham importante o AEE dentro da escola. 60% dos professores consideram o trabalho desenvolvido pelo profissional do Atendimento Educacional Especializado bom, 30% considera ótimo e 10% consideram que o trabalho desenvolvido poderia ser melhor. 80% dos professores disseram que fariam um curso gratuito sobre inclusão fora do seu horário de expediente e os outros 20% não responderam ou disseram não ter tempo para fazer curso fora do horário de trabalho.

Em relação aos os monitores, todos são do sexo feminino e possuem idades variadas, assim como a escolaridade que vai desde o ensino médio até a licenciatura com pós-graduação. Destes profissionais 60% que responderam a pesquisa disseram que gostam de trabalhar com inclusão, as outras não responderam. 100% disseram ter um bom relacionamento com a professora titular e os mesmos 100% disseram ter um bom relacionamento com a equipe diretiva. Sobre o AEE 80% responderam que acham o Atendimento Educacional Especializado dentro da escola importante, 20% não responderam. 100% disseram ter um bom relacionamento com o profissional do AEE. Em relação a preparação, 50% disseram se sentirem preparados para trabalhar com a inclusão, e os outros 50% disseram que não se sentem preparadas para trabalhar com a inclusão. Em relação à valorização profissional, 50% das monitoras não se acha um profissional valorizado, 40% se acham valorizadas e 10% disseram que são valorizadas em parte. 90% dos monitores pesquisados disseram que fariam um curso gratuito sobre inclusão depois do expediente, e 10% disseram que não fariam sem especificar o porquê, mesmo tendo espaço para o mesmo.

Na pesquisa realizada com a coordenação/ equipe diretiva da escola, constatou-se que 100% dos coordenadores consideram o AEE de extremamente importante na escola, principalmente para auxiliar os professores na aprendizagem dos alunos. Sobre o trabalho do profissional do AEE 60% consideram ótimos e 40% consideram bom. Em relação às expectativas 10% dos coordenadores acham que o AEE atende as expectativas dos pais e 90% acham que o AEE atende em parte as expectativas dos pais, pois segundo uma coordenadora “os pais acham que o AEE vai fazer milagre”. Em relação às principais reclamações recebidas na coordenação,

por parte dos professores, estão a aprendizagem em primeiro lugar, em segundo encontra-se empatados os problemas relacionados à família e a inclusão e em terceiro lugar, os problemas relacionados a suporte especializado, muitos acham que deveriam receber mais suporte especializado para trabalhar nas aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa percebeu-se o quanto à inclusão é positiva e necessária em todos os ambientes. Após o levantamento realizado, é importante saber que a maioria das famílias está satisfeita com o papel da escola e dos profissionais que estão atuando com seus filhos.

Observando os resultados nota-se que muitos profissionais dizem estar preparados para enfrentar as adversidades da inclusão, outros nem tanto, entretanto é importante lembrar que a humildade é qualidade que se faz importante no ser humano, principalmente quando tratamos de educação.

Para Paulo Freire, “o papel do professor e da professora é ajudar o aluno e a aluna a descobrirem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria” (2003, p. 52). Diante disso muitas vezes é necessário deixar para um segundo “plano” alguns conteúdos “frios e obsoletos” que compõem o currículo e que não contemplam as necessidades e os interesses dos alunos.

A partir dos estudos realizados percebemos que trata-se muito mais de incluir a todos do que incluir só os alunos com deficiência. Incluir o diferente, incluir o aluno digital, incluir o aluno que tem dificuldades de aprendizagem, o que possuem problemas emocionais, e muitos outros que surgem na instituição escolar, pois todos precisam percorrer esse caminho da aprendizagem das diferenças que perpassa pela escola.

Para trabalhar com aluno com deficiência é necessário que todos os envolvidos estejam engajados para o bem-estar da criança que foi incluída, assim como todos os estudantes, pois todos somos iguais perante a lei e todos tem o mesmo direito de estudar e aprender.

A rotina escolar por muitas vezes é complexa para alguns alunos, principalmente para os alunos com deficiência. Portanto além das adaptações necessárias em

trabalhados e provas, as aulas precisam ser dinâmicas, lúdicas e principalmente de forma concreta, independente do conteúdo trabalhado.

É fundamental que o professor seja criativo e esteja disposto a ultrapassar as barreiras do conformismo e do tradicional, é necessário inovar, arriscar, trabalhar no concreto, fazer experiências e desafios dinâmicos. Cativar a curiosidade e o interesse dos alunos é a porta para o aprendizado significativo. De acordo com Piaget (1924) o “professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situações-problemas”

Vivemos em uma era digital que tudo está ao alcance de nossas mãos, entretanto o professor que encontramos nas salas de aula é um professor “analógico”, ou seja, que ainda não está habituado a toda essa tecnologia que existe a nossa disposição. Percebe-se que o aluno tem outros interesses que por muitas vezes vai além dos conteúdos que estão dispostos nos planos de trabalho dos professores. Nota-se que existe um “espaço” entre o conteúdo, ou a forma como ele é ensinado nas escolas e os interesses dos alunos. É visível que estamos caminhando em direção a inclusão do aluno com deficiência mas esquecendo que também temos que incluir esse aluno “digital” que está se apresentando nos espaços escolares. “As novas tecnologias surgem com a necessidade de especializações dos saberes, um novo modelo surge na educação, com ela pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesses didático-pedagógica”. (LEOPOLDO, 2004, p.13). É preciso entender que toda essa tecnologia precisa ser usada a favor da educação, sendo mediadora do conhecimento.

Trabalhar com educação é gratificante pois o ser humano é um eterno aprendiz e no espaço escolar é onde fica nítido que aprender demanda humildade e interesse, principalmente na função do educador. A partir do momento que conseguimos nos colocar no lugar do outro e despir-se de antigas vestimentas, abrimos espaço para o acolher o novo e o “diferente”.

Com este trabalho constatou-se que é sempre tempo de melhorar, basta o querer e fazer com que isso aconteça. Trabalhar em parceria, fazer redes de apoio e de trocas é fundamental pois ninguém vence sozinho, quando um caso de inclusão se concretiza de verdade, todos ganham de forma direta ou indiretamente, pois estamos contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis com a sua vida e da do outro.

Inclusão é um movimento de amor, é um movimento de abraçar as diferenças e fazer com elas sejam sempre positivas apesar de nem sempre ser fácil, os quatro olhares sobre a inclusão nos mostrou que apesar das diferenças existe um sentimento de solidariedade entre todos que trabalham e convivem com a inclusão.

REFERÊNCIAS

_____. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 4/2009, de 2 outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 2009a. Seção 1. p. 17.

BRASIL. **Lei n. 13.146/15**, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146. Acesso em: 29/03/2016.

BRASIL. **Lei n.9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 29/03/2016.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edição Câmara, 2015, disponível em

BUENO, J. G. S. Função social da escola. http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_17/silveira_bueno.pdf acesso em 28/10/2019.

CARVALHO, R.E. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”**. 7. Ed. Porto Alegre: Ed Mediação, 2010.

Decreto Nº 7.612, de 17 de novembro de 2011.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2011/Decreto/D7612.htm -

Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limites.

FREIRE, P. & HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**- São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 39ª Ed. Rio de Janeiro. Paz e terra, 2004.

http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf acessado em 05 de outubro de 2017.

<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/viewFile/edu.2015.192.10/4712>

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2>

<https://www.efdeportes.com/efd193/acessibilidade-arquitetonica-na-inclusao-escolar.htm> . Acesso em 06 de outubro de 2019.

LEOPOLDO, Luís Paulo- **Novas Tecnologias na Educação: Reflexões sobre a prática. Formação docente e novas tecnologias.** LEOPOLDO, Luís Paulo Mercado (org.).- Maceió: Edufal, 2002. Cap. 1 Leopoldo, Luís Paulo/ **Formação docente e novas tecnologias.** 2002

Peresson Tonello, M. L (2006). **Pedagogias e culturas.** In C. Scarlatelli, D. Streck e J. I. Follmann (Org.). Religião, cultura e educação. São Leopoldo: Unisinos

PERRENOUD, Philippe. 2001. **A Pedagogia na escola das diferenças. Fragmentos de uma sociologia do fracasso.** Porto Alegre: Ed. Artmed, 2001.

Piaget, J. (1976). **Psicologia e Pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. "**Diferença entre doenças, síndromes e transtornos**"; Brasil Escola Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/doencas/diferencasentre-doencas-sindromes-transtornos.htm>. Acesso em 06 de outubro de 2019.

SZYMANSKI, M.L.S. 2012. **Dificuldades de aprendizagem (DA): doença neurológica ou percalço pedagógico?** Boletim Técnico do SENAC: a revista da educação profissional, 38.

VIGOTSKI, L. S. (2010). Quarta aula: **O problema do meio na pedologia.** Psicologia USP, 21(4), 681-701. (Original publicado em 1935).